

## INTERAÇÃO POSTA E SUBENTENDIDA: O *ETHOS* ESPECULAR

Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima

**RESUMO:** Neste artigo, pretende-se mostrar as relações observadas em sala de aula de Língua Portuguesa, ocorridas em contexto de Pesquisa-ação. A partir das noções de Interação Posta e Subentendida (PRETI, 2002) e da noção de Ethos, busca-se revelar as imagens que os sujeitos assumem a depender das propostas de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Interação. Ethos. Ensino. Aprendizagem

**ABSTRACT:** This article aims to show the relationships observed in Portuguese classes, which occurred in the context of action research. Based on the notions of inferred and given interaction (PRETI, 2002) and the concept of ethos (MAINGUENEAU, 2006), we seek to reveal the images that the subjects build depending on the teaching and learning proposals they encounter.

**Key Words:** Interaction. Ethos. Teaching. Learning

### Introdução

“Usar a linguagem consiste, portanto, em realizar ações individuais e coletivas”. Dionísio conclui, com essa frase, uma discussão a respeito da noção de interação ainda no início de um artigo que se propunha, inicialmente, discutir sobre a área da Análise da Conversação (doravante AC).

Sua fala, ao longo desse texto, datado de 2001, trata das várias perspectivas por que passou a AC ao longo de diversos paradigmas em que essa se constituiu. Aqui, o intuito não é o mesmo; mas é válida a retomada das duas grandes idéias desse texto de Dionísio, a saber: a de que a interação pode ser entendida como uma construção ao mesmo tempo individual e coletiva, ao menos metodologicamente falando; e a de que essas perspectivas não são necessariamente opostas, mas correlacionadas em certos aspectos e, por isso, apresentam uma organicidade.

A Linguística Aplicada, âmbito das discussões deste estudo, considera a multiplicidade da linguagem como um dos fatores que pode permitir ao pesquisador uma abordagem também múltipla de visão do fenômeno a ser observado. O objetivo deste estudo é refletir sobre a constituição do *ethos especular* (SOUTO MAIOR, 2009), entendido como ato de construir uma

imagem pelo que se pressupõe do que o “outro” espera, pensa ou acredita, relacionando essa categoria conceitual com a idéia de interação posta e subentendida – desenvolvidas a partir das noções de interação focalizada e não-focalizada (PRETI, 2002). Nesse sentido, pretende-se observar como o subentendido constitui as relações sócio-discursivas tão fortemente e como ele não deve ser rechaçado das considerações de análise que visam observar fenômenos interacionais.

Para desenvolver as discussões e análises dos momentos selecionados de uma pesquisa-ação em andamento<sup>1</sup>, optou-se por dividir este artigo em três partes correlacionadas.

Na primeira, serão apresentados os embasamentos teórico-metodológicos do estudo. Em seguida, serão apresentados os contextos de coleta do material que compõe o recorte; para, enfim, proceder-se à análise dos fragmentos selecionados.

### **1. Interação posta e subentendida e a relação com a constituição do *ethos* especular**

Preti (2002, p. 45) diz que a interação pode ser entendida sob o ponto de vista da reciprocidade entre os sujeitos e que vai da reciprocidade ao conflito.

Esse autor estende a concepção de interação como reciprocidade. Nessa perspectiva, a situação da co-presença também é interacional. O autor exemplifica essa tese com o encontro casual em uma calçada, que pode ser entendido como um espaço dividido em que duas pessoas, mesmo que não troquem nenhuma palavra verbalizada, ou mesmo que sequer se olhem, “sentem-se” e planejam o seu lugar a depender do lugar do outro. Significa dizer, neste último caso, que a interação não se restringe apenas a circunstâncias em que sujeitos “interagem” com troca de palavras ou mesmo com expressões corporais focadas em outro interactante (com elementos não-verbais, por exemplo) mas também em situações em que se “supõe”, se “prevê”, se “considera” que há um outro na situação de língua<sup>2</sup>.

Essas duas situações de interação, a de face-a-face e a de co-presença, são denominadas por Preti (2002, p. 45) de interação focalizada e interação não-focalizada, respectivamente.

Neste estudo, desenvolvendo as reflexões de Preti, considera-se que há a focalização nos dois casos. Defende-se essa idéia porque se pensa que focalizar é “focar no objeto”, mesmo que pelo

---

<sup>1</sup> Os dados foram coletados em uma situação de pesquisa de um subprojeto da autora deste artigo e que foi mote para o andamento de sua tese, finalizada em 2009, intitulada: “As constituições de Ethos e os discursos envolventes no ensino de Língua Portuguesa em contexto de pesquisa-ação”.

<sup>2</sup> Considera-se “situação de língua” o fato de o discurso (verbal ou não) constituir a situação.

subentendido. O diferencial entre estar numa perspectiva e em outra se dá pela existência dêitica concreta na interação face-a-face<sup>3</sup>, às vezes, como vai ser observado.

Prefere-se nomear esses dois fenômenos, então, de interação posta e interação subentendida. Na interação posta, o elemento linguístico vem associado a uma situação interacional face-a-face e faz referência explícita a sujeitos ou elementos que compõem o evento de fala. Na interação subentendida, o elemento linguístico faz referência a elementos ou sujeitos que não estejam no evento de fala “verdadeiramente” (ou concretamente)<sup>4</sup>, ou ainda, que não estejam no mesmo recorte espacial, que não estejam postos na interação em primeiro plano<sup>5</sup>, mas são, de alguma forma (e isso vai ser observado na análise), subentendidos.

### 1.1 A relação dêitica e a presença do outro

Neste subitem, serão discutidos o elemento dêitico e a presença do outro, já indicada como forma de interação posta e interação subentendida. Pela dêixis, como será visto, podem-se retomar essas duas formas de consideração do outro no discurso.

#### 1.1.1 A dêixis

A dêixis é fenômeno elemento linguístico que serve como nominalização de determinado referente, ou coisa no mundo, e que reflete não só o que é dado pela língua como sistema mas também o que é construído nas relações sociais de uso da língua. Segundo Levinson (2007, p. 65, grifo do autor), ela “diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do **contexto da enunciação** ou do **evento de fala**”. Esse autor acredita que a interpretação da fala depende da análise do contexto de enunciação.

---

<sup>3</sup> Galembek (2002, p. 71) diz que “a interação face-a-face não difere intrinsecamente das demais formas de interação”.

<sup>4</sup> Destaca-se a dificuldade em se especificar o que é concreto, ou não, no caso de se subentender a presença interacional de um sujeito num ato de fala. Observe-se que se pode imaginar que tal pessoa não está no recinto, e, por outro lado, promover-se todas as ações nesse lugar voltadas para a presença desse alguém. São os jogos sociais que estão presentes nesse caso.

<sup>5</sup> No caso exposto, a palavra “segundo plano” empregada não acarreta que haja um primeiro plano no sentido de ser mais importante que o outro. Aqui “a importância” não está em jogo.

Nesse sentido, mesmo que haja, entre as línguas, diferenças no uso dos pronomes e que esse uso não se restrinja ao que se conhece na língua portuguesa, por exemplo, há a possibilidade de se observar em cada grupo linguístico, ainda que numa mesma língua, o que o dêitico revela das posições dos sujeitos que os usam, pois o dêitico é predominantemente contextual.

O termo dêixis, de origem grega, significa “a ação de mostrar, indicar, assinalar” (LAHUD, 1979, p. 40). Segundo Levinson (2007, p. 65), a dêixis “é o modo pelo qual a relação entre língua e contexto se reflete nas estruturas das próprias línguas de maneira mais evidente”.

Pode-se afirmar, a partir das reflexões supracitadas, que a dêixis tem relação direta com os falantes, com o momento do acontecimento, com o contexto em que se realiza sua efetivação; enfim, com o ato de fala e como referenciação desse ato.

A referenciação, por seu turno, retoma, referencia, nomeia, indica vários elementos, sujeitos, itens da situação de comunicação valorando a cada “forma de dizer”. No que se refere à referenciação, levanta-se uma questão há muito tratada nos estudos sobre a dêixis. Compreende-se que a relação entre dêixis e referenciação, em alguns casos, torna-se tão intrínseca que é difícil falar de uma sem citar a outra. Maingueneau e Charaudeau (2007, p. 148) parecem resolver a questão esclarecendo que, para Danon-Boileau, a dêixis apresenta três campos de definição, sendo, em um deles, “um tipo de construção referencial”. Aqui essa implicação não será tão importante a ponto de se ter que diferenciá-las teoricamente, mas se faz importante citar as diferentes formulações, porque, a depender do *corpus* de análise constituído, talvez isso seja necessário. A seguir, serão discutidas a presença do outro e a implicação dessa presença na formulação da imagem do sujeito (*ethos*).

### 1.1.2 A presença do outro e a intenção discursiva

O outro será definido principalmente pelo que ele não é. Diferentemente da perspectiva da Análise de Discurso Francesa, que Possenti (2004, p. 61) denomina de “mais cartesiana”, o outro não é aquele que apaga a presença do eu.

Em outros termos, o autor defende a possibilidade em se conceber a autoria de um **eu** que, considerando o outro, mas não necessariamente dominado pelo **outro**, estabelece estratégias do dizer para chegar a determinados sentidos. Ele formula importantes questões a partir da seguinte reflexão:

O enunciado ‘tempo é dinheiro’, que é produzido com uma pequena alteração do conhecido provérbio ‘tempo é dinheiro’, funciona, neste contexto, como uma crítica fortíssima ao Bispo

Macedo. Mas o que mais interessa destacar é a diferença entre enunciar um provérbio, isto é, um discurso ‘de outro’ numa determinada circunstância, e *produzir* este novo enunciado, com base material do outro discurso. (POSSENTI, 2004, p. 61)

Possenti pergunta: “Qual a instância responsável por esta novidade? Por que não reconhecer um eu com um papel ativo nestes textos, responsável pela alteração produzida sobre e a partir do discurso do outro?” (POSSENTI, 2004, p. 69). Dessa forma, ele não nega a importância do outro nem as condições sócio-históricas nas quais estão inseridos esses sujeitos.

A *intenção discursiva* é um termo bakhtiniano, que dá conta de uma série de estratégias de que um sujeito se vale para atingir determinado objetivo. Bakhtin não considera o sujeito como o adão da língua; considera-o como produtor de discursos. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (2002, p. 32) afirma que

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos.

Assim é que o autor reitera a produção de sentido como uma construção dialógica, metaforizada pela “faísca elétrica”, em que a faísca é o acontecimento linguístico. O outro, nessa perspectiva, é imprescindível para a construção discursiva, tanto pela relação concreta existente quanto pelas relações subentendidas, trazidas pela intersubjetividade e por suas constituições sócio-culturais.

Aqui, intenção discursiva é um elemento preponderante para o entendimento do que vai se chamar de *ethos* especular.

### **1.1.3 Ethos especular**

Maingueneau (2008, p. 11), na primeira parte de um livro intitulado “*Ethos Discursivo*”, organizado no Brasil por Ana Rachel Mota e Luciana Salgado, diz que, quando começou a refletir sobre *ethos*, em 1980, não imaginou que essa noção teria tanta repercussão. O autor acredita que esse interesse vem surgindo e se reafirmando desde então devido, principalmente, aos fenômenos que observamos no campo da mídia.

O interesse talvez se justifique pela busca, mais fortemente marcada na atualidade, da compreensão do fenômeno da supervalorização da apresentação de si, da “aparência que vende”, da necessidade de exposição de “virtudes” que demonstrem que algo é melhor e, por isso, “vendável”, não só pela conversão do fenômeno propaganda à publicidade, como apresenta Maingueneau (2006, p. 52), que exige uma postura diferenciada diante do que é “comum”, “igual”. As pessoas também, apesar de se conformarem em grupos culturais, ou microculturais – falando uma mesma língua, apresentando propósitos parecidos, contando as mesmas histórias urbanas, vestindo-se, às vezes, com um mesmo padrão – sentem a necessidade de possuir algo de diferenciado, um tom individual.

Neste estudo, apontam-se brevemente os três tipos de *ethos*: o dito, o construído e o especular, apresentados em Souto Maior (2009), a partir de suas características no discurso. Mas apenas o último será aprofundado e discutido em análise.

1º *Ethos* Dito – Aquele que é descrito pelo falante como seu, ou seja, o que ele diz ser.

2º *Ethos* Construído – O que é observável pelas escolhas temáticas, lexicais, pela forma como o sujeito apresenta seu discurso (não interessa se intencionalmente ou não), ou ainda pela sua figura.

3º *Ethos* Especular ou *Ethos* Regulador – O que ele diz do outro; não necessariamente com palavras, mas, sim, pelo fato de ter construído sua fala ou suas ações de determinada maneira. O que o sujeito constrói de representações do outro, seja esse outro uma pessoa, uma profissão, uma comunidade, uma cultura etc., e o que isso significa em si.

Só interessará observar, para fins de análise neste artigo, o *ethos* especular que pode ser observado quando um sujeito, num movimento discursivo, ao se definir com tal representação, através de uma fala proposicionada pelo *ethos dito* ou na constituição do *ethos construído*, ao mesmo tempo constrói valores contrários ou em consonância, que também podem ser encontrados na implicatura ou no pressuposto<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Segundo Strawson (*apud* ARMENGAUD, 2006, p. 86), a pressuposição é um fenômeno que ocorre entre dois enunciados quando o segundo é pré-condição da verdade do primeiro. Já na implicatura, há não a relação direta entre enunciados ou entre a coisa dita e o que se subentende; concretamente falando, há uma sugestão do que está querendo ser dito com o enunciado primeiro. Diz-se que há pressuposição quando a verdade do segundo enunciado, depreendido do primeiro enunciado dado, é condição *sine qua non* deste primeiro. Ou seja, no enunciado “Ana não usa mais vestidos.” Pressupõe que “Ana já usou vestidos”. A negação do segundo enunciado anularia a verdade do primeiro. No fenômeno da implicatura, não se buscam os valores de verdade. A implicatura é predominantemente discursiva e contextual (ARMENGAUD, 2006, p.88).

Abaixo, serão analisadas *algumas* situações em que será possível destacar, pela dêixis, a Interação Posta e a Interação Subtendida e, por conseguinte, a constituição do *Ethos* Especular.

## 2. Análise de acontecimento

### 2.1 Explicando o contexto

O trecho a ser exposto para análise foi extraído de uma das aulas do projeto “Ensino / Aprendizagem de Línguas em Comunidades de Baixa Renda”.

Essas aulas ocorrem uma vez por semana no espaço cedido pela CCB (Casa de Cultura Britânica) e tem 2h15min de duração. O projeto envolve tanto aulas de “Produção Textual em Língua Portuguesa” (doravante PTLP) como de “Língua Inglesa” (doravante LI). Os alunos, salvo alguns poucos casos<sup>7</sup>, têm aulas das duas disciplinas.

Alunos e professores estiveram envolvidos durante um ano com as turmas, divididas em duas etapas: com aspecto de continuação de curso, para os que tinham iniciado no primeiro semestre, e, como iniciante, para os que entraram no segundo. No caso de PTLP, mais de uma professora se encontrava em sala de aula. As três professoras envolvidas nessa turma, além de planejarem e discutirem os temas a serem desenvolvidos, observavam os fenômenos linguístico-discursivos e levantavam propostas de encaminhamentos para as aulas seguintes.

A partir de temas sugeridos pelos alunos em levantamento feito em sala de aula, os textos eram selecionados. Vários gêneros foram inseridos na prática de leitura e produção. Os alunos produziram currículo, resumo, narração de histórias, cartas formais, *scraps* e outros. Além dos gêneros descritos, os alunos leram fábulas, artigos de jornais, propagandas, charges, letras de música, poemas, dentre outros.

O trecho a ser analisado foi transcrito das aulas do segundo semestre. Eles tinham ouvido uma canção de Paulo Bezerra e, no momento selecionado, discutiam a respeito da letra da música.

A música “Cidadão” é marcada pelo uso da dêixis em vários momentos, por exemplo, em:

*Tá vendo aquele edifício, moço?*

---

<sup>7</sup> Alguns optaram, ao longo do curso, abandonar uma das disciplinas por motivos vários.

O “aquele” pressupõe que o narrador está apontando para o objeto de referência na cena enunciativa. Seu interlocutor é o “moço”, elemento dêitico social.

Pelo *ethos* especular, ou seja, pelo que se pressupõe da fala do enunciador, ao denominar seu interlocutor de “moço”<sup>8</sup>, entende-se que o nordestino fala para alguém com quem ele não tem intimidade. Há até certa cerimônia no falar do enunciador. Essa percepção é dada pela interação subentendida.

Pela Interação Posta, marcada pela dêixis “aquele”, observa-se que o enunciador fala para um homem e que este está próximo a ele.

Outro exemplo de uso da dêixis marcando o discurso pelo subentendido, encontra-se em:

*Eu também trabalhei lá.*

O “Eu”, elemento também dêitico, dá ênfase ao acontecimento enunciativo do momento interacional, o eu para o ele, e o “lá” novamente marca um espaço; só que desta feita, do pressuposto “não perto” do sujeito que fala.

Agora, veja-se o trecho selecionado para análise:

Andréia – Ele tá sofrendo muito ele, né? No sul, São Paulo, Rio já há uma diferença, né?  
Professora Susie – Qual a diferença?  
Andréia – Com toda/ com toda dificuldade que ele tinha, né? No Norte, Nordeste/ mas  
(silêncio)  
Andréia – Mas é mesmo/ na capital (XXX) do interior. Na capital é mais individualista/ é mais egoísta/ o pessoal do interior é mais humilde, mais amigo, (XXX), já é diferente da capital/ pra/ o pessoal é mais família/ na capital/ é cada um por si/ acabou/ é uma selva mesmo/  
Professora Susie – Você tá fazendo relação em lugar grande e lugar pequeno, né? Porque /e aqui/ em algum momento aqui/ ele fala dessa [relação?  
Andréia – [NÃO

<sup>8</sup> Lembra-se aqui a fala subserviente do nordestino que chama “Seu moço”.



Professora Péróla – ((XXX)) ((falando com a professora Susie))

Professora Susie – Ela tá fazendo relação do lugar grande com lugar pequeno. ((respondendo a Professora Péróla)) Como é o Nordeste com relação o sul.

Professora Péróla – Você já foi em São Paulo?

Andréia – Não/ Eu tô comparando aqui com Alagoas/ não só com São Paulo assim.

Mafalda – Chega no interior é uma diferença enorme// Capital em geral é cada um por si/ cada um num tá nem aí/ [...] quer nem saber/ (XXX)

[...]

Professora Susie – É isso que eu falei ela fez a relação entre lugar desenvolvido e lugar menos desenvolvido, MAS //aqui no texto:::(respondendo à Professora Péróla))

Andréia – Foi uma coisa à parte / isso que eu falei foi uma coisa à parte, né? Não tava no texto, foi uma coisa à parte.

Professora Susie – No texto ele não fala especificamente capital e interior/

Professora Péróla – Essa pessoa veio de onde ((referindo-se ao texto))?

Andréia – Do norte/ do norte, né?

Andréia, pelo subentendido, fala que o local onde se encontra o narrador é no Sul, São Paulo, Rio. Segundo a aluna, “Ele [o narrador] tá sofrendo muito ele, né? No Sul, São Paulo, Rio já há uma diferença, né?”

A professora parece questionar a opinião da aluna no trecho:

Professora Susie – Você tá fazendo relação em lugar grande e lugar pequeno, né? Porque /e aqui/ em algum momento aqui/ ele fala dessa [relação?

Andréia – [NÃO

Pela interação subentendida, a aluna se vê numa situação de avaliação negativa. Talvez a pergunta, da maneira como foi feita, tenha dado essa impressão à aluna. Ela responde negativamente ao questionamento, aumentando a voz, inclusive. A negativa é para a primeira ou para a segunda questão?

Algo acontece com o foco da atenção em sala quando a Professora Pérola fala, faz algum comentário para a Professora Susie. Veja-se o trecho em que esse momento ocorre:

Andréia – [NÃO]  
Professora Peróla – ((XXX)) ((falando com a professora Susie))  
Professora Susie – Ela tá fazendo relação do lugar grande com lugar pequeno. ((respondendo à Professora Pérola)) Como é o Nordeste com relação o sul.

Ao que parece, a Professora Pérola não entendeu bem a relação feita, e a Professora Susie explica o que a aluna está fazendo:

Professora Susie – Ela tá fazendo relação do lugar grande com lugar pequeno. ((respondendo à Professora Pérola)) Como é o Nordeste com relação o sul.

A mudança de foco interacional provoca uma ruptura para o desenlace do acontecimento; afinal de contas, a aluna faz ou não a relação a lugar pequeno *versus* lugar grande.

A Professora Susie, pelo *ethos* especular, acredita que sim; e até explica, sem modalização: “Ela tá fazendo”, diz a professora, e não: “Ela parece estar fazendo”.

A pergunta seguinte: “Você já foi a São Paulo?” promoveria uma mudança de temática; no entanto, a aluna não aceita a proposta e não responde a questão.

Ela diz:

Andréia – Não/ Eu tô comparando aqui com Alagoas/ não só com São Paulo assim.

Andréia, pelo dêitico “aqui” marca bem sua posição. Não é “lá”, em São Paulo, que ela poderia ou não conhecer (ela não responde a pergunta. Interessante perceber que, retoricamente, dizer que nunca tinha ido, talvez desautorizasse sua fala).

Ela se sente autorizada por sua intenção discursiva de se posicionar como autora de sua fala: “Eu tô comparando aqui com Alagoas”, responsável pelo que diz, e tenta elucidar seu argumento, até defender.

Sua estratégia é tirar o foco de São Paulo, apesar de ter citado a cidade, e dizer que ali mesmo, em Alagoas, lugar onde todos estão no momento da interação, ocorre o que ela diz ser controvérsias de lugar pequeno e lugar grande.

Nesse momento, um outro foco interacional se estabelece, pois Mafalda toma a palavra e a defesa de sua colega:

Professora Pérola – Você já foi em São Paulo?

Andréia – Não/ Eu tô comparando aqui com Alagoas/ não só com São Paulo assim.

Mafalda – Chega no interior é uma diferença enorme// Capital em geral é cada um por si/ cada um num tá nem aí/ [...] quer nem saber/ (XXX)

Mafalda desenvolve o argumento de Andréia e ratifica a fala de sua colega. Pela interação subentendida, há um novo elemento interacional no contexto observado. Parece haver uma tentativa de convencimento, observada pela interação subentendida, por parte do bloco das alunas x bloco das professoras. O elemento interacional contido no subentendido da situação é de enfrentamento.

Em seguida, é possível perceber outra mudança na interação subentendida, não mais em blocos professor x alunos, mas agora a Professora Susie tenta convencer a Professora Pérola de que o que disse a respeito da opinião da aluna é verdadeiro: “É isso que eu falei”. O “isso”, elemento dêitico que encapsula tudo o que havia falado (e feito?) anteriormente, remete seu argumento ao “eu estava certa”. O “MAS”, com voz alteada, marca ainda que não basta, para a Professora Susie, apenas falar o que a aluna falou, ela quer ver no texto.

Professora Susie – É isso que eu falei. Ela fez a relação entre lugar desenvolvido e lugar menos desenvolvido, MAS //aqui no texto:::(respondendo à professora Pérola))

Andréia – Foi uma coisa à parte / isso que eu falei foi uma coisa à parte, né? Não tava no texto, foi uma coisa à parte.

Por fim, a aluna diz que “foi uma coisa à parte”, e dá início a outro movimento de sequência triádica, comumente vista em sala da aula, conhecida como IRA (iniciação-resposta-avaliação). Ela retrocede à sua posição inicial, ou, melhor dizendo, desloca-se defensivamente.

Na perspectiva da interação subentendida, pensa-se que a aluna reconhece a relação assimétrica estabelecida e sucumbe à pressão interacional professor x aluno. Aqui, não interessa analisar se a aluna está certa ou errada, num primeiro plano; mas, em todo caso, considera-se que, infelizmente, pela relação de forças presente nessa situação interacional, a ela não foi dada a oportunidade de defesa com a construção de argumentos que respaldassem suas reflexões.

Por sua constituição de *ethos* especular, ela percebe que é melhor retroceder, colocando seu discurso “à parte”. Não só suas reflexões “ficaram à parte”; ela também, pelo especular desse *ethos*, fica à margem.

A partir do que foi discutido, considera-se que as situações em sala de aula trazem complexidades interacionais que influem diretamente no processo de ensino e aprendizagem, principalmente porque os envolvidos agem com expectativas em relação à sua imagem retratada pelo outro e pela imagem que defendem ao falar entre si.

## Conclusão

Neste artigo, a partir da categorização de dois movimentos interacionais, chamados de interação posta e interação subentendida e de *ethos* especular, foi observada uma micro-cena de sala de aula de uma pesquisa-ação em andamento, com o objetivo de observar imagens dos sujeitos ali envolvidos e a implicação disso para o processo de ensino e aprendizagem.

A relação professor – aluno, na situação apontada, estabelece alguns movimentos de IS e de IP. Na análise, observou-se principalmente que, em alguns momentos, a significação do que é dito para a efetivação das ações interativas fica num nível subentendido que, no contexto, revela outros fenômenos sociais, como as relações de poder. É importante levar em conta os recuos que os alunos fazem em determinadas situações e observar que é necessária uma retomada da fala do outro com o cuidado de respeitar espaços diferenciados.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à Linguística 2*. São Paulo: Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

DUBOIS *et al.* *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

POSSENTI, Sírio. O eu no discurso do outro ou a subjetividade mostrada. In: POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso*. 2. ed. Curitiba: 2004.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. As constituições de Ethos e os discursos envolventes no ensino de Língua Portuguesa em contexto de pesquisa-ação. Maceió: UFAL, 2009. TESE (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas.